

## **Entrevista Dr. Henry Marsh: considerações sobre o cuidado centrado no paciente**

Interview Dr. Henry Marsh:  
Considerations about patient-centered care

### **Entrevista com: Dr. Henry Marsh**

“Se estivermos doentes em um hospital, temendo por nossa vida, aguardando uma cirurgia apavorante, temos que confiar nos médicos que estão cuidando de nós. Afinal, a vida fica bem mais difícil se não for assim. Não é surpreendente o fato de atribuirmos qualidades sobre-humanas aos médicos para aplacar nossos temores. Se a operação for bem-sucedida, o cirurgião é um herói; caso contrário, é um vilão”. O depoimento do neurocirurgião Henry Marsh, que há mais de três décadas atua no Hospital Universitário de St. Georges, na Inglaterra, está no prefácio de seu livro *Sem causar mal – Histórias de vida, morte e neurocirurgia*. Lançado no ano passado, no Brasil, e em 2014 na Inglaterra, o livro foi considerado uma das melhores publicações pelos jornais The New York Times, Financial Times, Washington Post e pela revista The Economist.

Dr. Marsh falou, com exclusividade, a Revista Acreditação. Acompanhe!

### **Equipe CBA**

#### **Jornalistas Responsáveis:**

Alessandra Eckstein

Redatora e Repórter - SB Comunicação. Rio de Janeiro. Brasil. E-mail: [alessandra@sbcomunicacao.com.br](mailto:alessandra@sbcomunicacao.com.br)

Cristina Miguez

Coordenadora de Jornalismo - SB Comunicação. Rio de Janeiro. Brasil. E-mail: [cristinamiguez@sbcomunicacao.com.br](mailto:cristinamiguez@sbcomunicacao.com.br)

**CBA - Por que o Sr. decidiu escrever “Sem causar mal – Histórias de vida, morte e neurocirurgia”?**

**Dr. Henry Marsh** - Eu quis dar um relato preciso e honesto de como é ser um neurocirurgião. Eu acredito que ao saber que precisa passar por uma grande cirurgia, a maioria dos pacientes fica realmente assustada. É preciso que os pacientes tenham confiança em seus médicos e a melhor base para essa credibilidade é a honestidade. Então, por mais paradoxal que pareça, um livro como esse deve ajudar os pacientes.

**CBA - Nele, o Sr. escreve: “Você deve aprender a ser objetivo sobre o que vê e, ainda assim, não perder a sua humanidade nesse processo”. Os cirurgiões estão próximos de perder sua humanidade?**

**Dr. Henry Marsh** - Isso realmente varia muito. No entanto, é muito fácil perder a humanidade e isso é uma coisa contra a qual precisamos lutar durante toda a carreira/trajetória.

**CBA - O Sr. lembra que médicos são humanos e afirma que “muito do que acontece nos hospitais é uma questão de sorte, tanto boa quanto má; o sucesso ou o fracasso, geralmente, estão fora do controle do médico.” De que forma adotar as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS) para Cirurgia Segura pode ajudar no sucesso de um procedimento?**

**Dr. Henry Marsh** - O *check list* da OMS é útil, mas apenas se for usado adequadamente – um castelo não é mais forte do que os soldados que o defendem. A moral dos médicos e enfermeiros tem imensa importância. Há sempre o risco de que a papelada (o excesso de regras/burocracia) e a regulação criem uma atmosfera de descrédito na equipe médica e isso pode afetar negativamente a moral, a motivação e o sentimento de responsabilidade pessoal pelos pacientes, que são uma parcela importante dos cuidados de saúde.

**CBA - Por que os médicos têm mais dificuldades em adotar o *check list* e *time out*, duas práticas recomendadas pela OMS e pela Joint Commission International, para a melhoria da segurança do paciente? É possível mudar esse comportamento?**

**Dr. Henry Marsh** - Os cirurgiões são mais propensos a resistir. Eles veem isso como uma ameaça à sua autoridade, além de ser um lembrete desconfortável de que podem falhar. É melhor que cada departamento de cirurgia desenvolva sua própria lista de verificação, o que vai garantir que todo o departamento se sinta representado, em vez de usar a listagem pronta da OMS que não se aplica a departamentos cirúrgicos como o meu, onde toda a equipe se conhece.

**CBA - Qual a importância de um hospital adotar e monitorar um programa de cirurgia segura?**

**Dr. Henry Marsh** - É muito importante, mas apenas se for parte de um programa mais amplo que assegure que toda a equipe de cirurgia (médicos, enfermeiros, fisioterapeutas etc.) se sinta valorizada e que seja parte de um time.

**CBA - O Sr. afirmou em outra ocasião que “a vida de um neurocirurgião nunca é enfadonha e pode ser profundamente gratificante, mas tem um preço”. Que preço é esse?**

**Dr. Henry Marsh** - A dor quando os pacientes sofrem em suas mãos. A dor de cometer erros.

**CBA - “Apesar de toda essa tecnologia, a neurocirurgia ainda é perigosa. É necessário ter perícia e experiência conforme os meus instrumentos penetram o cérebro e a medula espinhal e eu tenho que saber quando é hora de parar.” Partindo desse seu depoimento, como e quando os cirurgiões se dão conta de que está na hora de parar em vez de insistir em continuar uma cirurgia?**

**Dr. Henry Marsh** - Não é fácil responder a essa pergunta. Você aprende com experiências, por vezes amargas. O dano cerebral severo, como no estado vegetativo persistente, pode ser ainda pior do que a morte – particularmente para as famílias dos pacientes.

**CBA - Em seu livro, o Sr. revela que teve uma experiência ruim com uma jovem, na semana anterior a uma nova cirurgia. Ela teve um dos lados paralisado e isso fez com que o Sr., na cirurgia seguinte a essa, “subisse ao palco com um pavor que era quase paralisante”. Qual a importância do medo para um cirurgião minutos antes de uma cirurgia?**

**Dr. Henry Marsh** - Eu acredito que a ansiedade antes de uma grande cirurgia é um sentimento saudável e até normal para os cirurgiões. Se o médico se sentir confiante e relaxado em excesso, corre maior risco de cometer erros.

**CBA - Quais recomendações o Sr. daria a um jovem neurocirurgião?**

**Dr. Henry Marsh** - Primeiro, não faça nada a não ser que seja absolutamente necessário. Segundo: lembre-se que está ali a serviço do paciente e não do seu próprio ego.

*Realizada em: 08/2017.  
Publicado em: 25/08/2017.*